

NOMES NULOS E ADJECTIVOS DISCRETOS: CONDIÇÕES DE LEGITIMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

FERNANDO MARTINHO

(Departamento de Línguas - Universidade de Aveiro)

«Rien n'est ellipse, les signes restant toujours adéquats à ce qu'ils expriment.»
Saussure

0. Introdução

Este trabalho pretende analisar a sintaxe das construções envolvendo um nome elíptico em contexto adjectival em frases extraídas do Português e do Francês.¹

Vejamos nessas duas línguas alguns exemplos preliminares ([e] assinala a elipse):

- (1) a. Embora todos os concorrentes estivessem preparados, [alguns/estes/os nossos/os Portugueses/*os [e]] desistiram devido ao calor intenso.
b. O livro verde e [o [e] vermelho] têm sensivelmente o mesmo preço
c. * O livro verde e [o [e] interessante] têm sensivelmente o mesmo preço

- (2) a. Bien que les coureurs soient bien préparés, [plusieurs/les français/*ces/*nos/*les [e]] ont abandonné
b. J'ai acheté les livres français et [les [e] anglais]
c. * J'ai acheté les livres français et [les [e] chers]

Os casos de elipse do nome exemplificados levam a dois tipos de

observações. Em primeiro lugar, a ausência do nome parece poder ser atribuída à presença de determinado elemento, devendo no entanto essa relação ser definida, já que produz nas duas línguas resultados diferentes (1.a) (2.a). Em segundo lugar, alguns adjectivos presentes autorizam a elipse do nome quando associados preferencialmente a determinados outros (compare-se 1.b.c ou 2.b.c), o que levanta a questão da identidade dos pares realizados.

Para comentar os casos apresentados, precisamos, em primeiro lugar, de referir brevemente o estatuto sintáctico da elipse do nome. Haverá também que esclarecer alguns aspectos da sintaxe do adjectivo, e, mais geralmente, da estrutura interna das expressões nominais, de modo a poder, por fim, fornecer um quadro estrutural/nocional para as elipses nominais com adjectivo.

1. Algumas questões prévias

1.1. A elipse nominal é um pronome vazio

A questão preliminar levantada pela noção de *elipse do nome* tem a ver com a sua identidade categorial. Até Rizzi (1986), assume-se que as condições de boa formação da estrutura de constituintes são sempre condições de identificação suficientes. As propostas de Rizzi apontam no entanto para a possibilidade de os pronomes vazios de tipo *pro* verificarem condições distintas de **legitimação e identificação**, que requerem que a posição e o conteúdo do pronome sejam recuperáveis do contexto sintáctico local. O legitimador formal de *pro* é habitualmente um núcleo específico, e o seu identificador é um elemento local com determinados traços. (Cf Rizzi 1986).

A ideia de legitimação e identificação de categorias vazias pronominais de tipo sujeito nulo pode servir de base ao tratamento da elipse do nome. O constituinte elíptico aparenta relacionar-se com um pronome vazio em termos de legitimação e identificação². No caso seguinte, o elemento vazio aponta claramente para uma categoria nominal anteriormente realizada, propriedade típica dos pronomes:

(3) O carro verde é da Joana, mas [o [e] branco] não é.

Como identificar [e] em (3)? O problema seria resolvido se a elipse de 'carro' fosse considerada uma forma de pronome, o que permitiria concluir que elipses e pronomes são legitimados do mesmo modo. (Cf Lobeck 1995, Kester 1996). Tal como o pronome sujeito nulo, a elipse pode pois ser considerada tipologicamente um caso de *pro* [-anáfora, +pronome], com base na tipologia das categorias vazias. De acordo com esta análise, vou adoptar na sequência deste trabalho a ideia de que aquilo que é tradicionalmente designado *elipse do nome* é na verdade uma categoria vazia de natureza pronominal *pro*, e como tal, o que é aqui crucial é perceber que mecanismo identifica e legitima o seu conteúdo em contexto adjectival.

1.2. Sobre a estrutura interna do SN

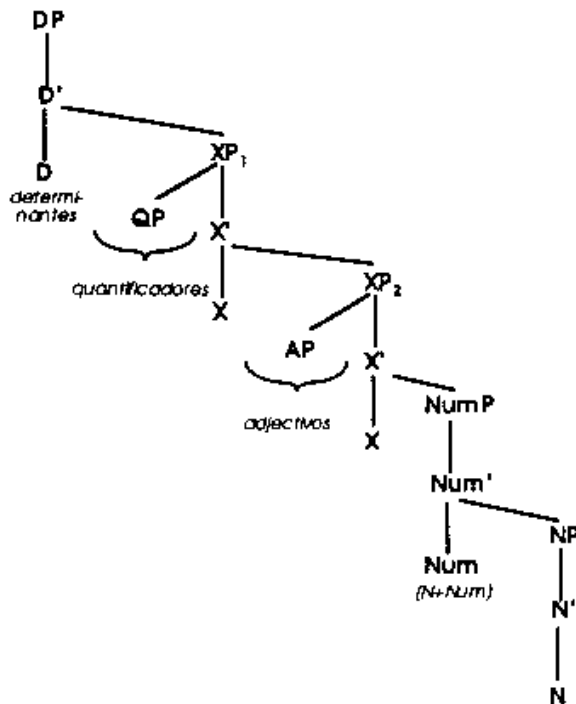
Para a estrutura de SN apresentada, baseio-me na *hipótese DP*, proposta por Abney (1987) para incorporar o SN na Teoria X-barra, e ainda em Brito (1993), Cinque(1993), Kester (1996) Sleeman (1996). Estas propostas apontam para a existência de várias projecções funcionais acima de NP, e sugerem a ideia de um movimento do nome para esse sistema funcional. Entre as projecções funcionais consideradas, destacar-se-ia NumP, portadora do traço morfológico [\pm Num], e para o núcleo da qual o nome se move para verificar a sua flexão. Devem ainda ser consideradas as projecções funcionais DP, cujo núcleo D^o é ocupado em princípio por artigos, e QP, em especificador de uma projecção funcional relacionada com o traço [\pm quant].

Nesta proposta, os adjectivos serão também especificadores de categorias funcionais, e não, como defendem Abney(1987), Valois (1991) ou Bernstein (1993), núcleos entre D e N. Esta última análise levanta dúvidas, já que, se os adjectivos fossem núcleos no DP, o movimento de N para NumP violaria o ECP — o estatuto de núcleo adjectival no interior de DP parece incompatível com a ideia de movimento de N. Em alternativa, Cinque (1993) considera que os adjectivos serão especificadores de projecções funcionais situadas acima de SN. Este modelo é válido para os adjectivos internos³ do DP, podendo assumir-se que estão sempre em posição [Spec,SX], em que X domina SN. Esta proposta explica-se pelas fortes restrições que existem sobre a ordem relativa dos adjectivos e pela existência de um limite máximo de adjectivos dentro do DP, que sugerem que existe respectivamente uma hierarquia e um número máximo de categorias funcionais onde os adjectivos são engendrados (Cf. Cinque 1993).

Sendo pois NumP uma projecção funcional apta a receber o nome, N^o move-se em sintaxe explícita para Num^o, havendo verificação de traços por *Concordância Núcleo-Núcleo* e por *Concordância Especificador-Núcleo*. Neste quadro, em que os adjectivos são considerados especificadores funcionais do nome, a existência de adjectivos pós-nominais explicar-se-ia pelo movimento explícito de N nas Línguas Românicas, o que daria conta da posição final do núcleo nominal relativamente a adjectivos atravessados nesse movimento (Cf *infra*).

Dá-se a seguir uma representação simplificada do DP, em que SX representa uma projecção funcional genérica:

(4)



Neste trabalho, proponho que o mecanismo da elipse do nome pode provavelmente ser captado dentro deste modelo de projecção alargada da categoria nominal. O nome nulo pode ser sistematicamente analisado como complemento de uma categoria funcional SX.

2. Aspectos da sintaxe do adjetivo

A estrutura interna do DP levanta, entre muitas, a questão sensível da ordem entre o nome e os adjetivos, ou, do ponto de vista da estrutura, entre o SN e as categorias SA. Essa relação envolve problemas de sucessão de palavras e questões de adjacência a N, como se ilustra a seguir:

- (5) a. O [principal escritor fantástico francês] é Jules Verne
 b. * O principal francês escritor fantástico
 c. Le principal écrivain fantastique français
 d. * Le principal français écrivain fantastique
 e. Le fantastique roman de Jules Verne

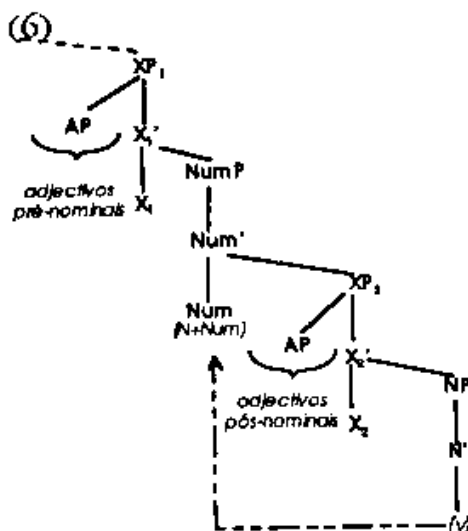
Como justificar a existência, nas Línguas Românicas, de adjetivos pré-nominais (*principal*), de outros exclusivamente pós-nominais (*français*), e ainda de uma série de adjetivos que podem ocupar ambas as posições (*fantastique*), embora com trocas de sentido? Como explicar ainda a linearidade dos próprios adjetivos entre si? Outra questão, ainda, tem a ver com a existência de uma eventual ligação entre a ordem do adjetivo e a sua capacidade em sobreviver

sem nome lexicalmente realizado.

Na vasta literatura sobre a questão, podem-se referir brevemente algumas propostas, como Bernstein (1993) e Crisma (1995). A ideia de que a projecção funcional intermédia NumP divide em dois grupos os adjectivos encontra-se, entre outros, em Bernstein (1993) —Cf. também Sleeman (1996): de facto, alguns adjectivos seriam basicamente pre-NumP, posição que conservam em sintaxe, e outros basicamente pós-NumP, o que na realidade equivale em sintaxe a uma posição pós-nominal. Embora a sua razão de ser não seja explícita, essa divisão reflecte em todo o caso uma ordem de palavras rigorosa entre nomes e adjectivos, já que devem ser distinguidos tipos de adjectivos pre-NumP e pós-NumP. Esta diversidade de tipos reflectir-se-ia nas várias combinações de adjectivos (Cf 5).

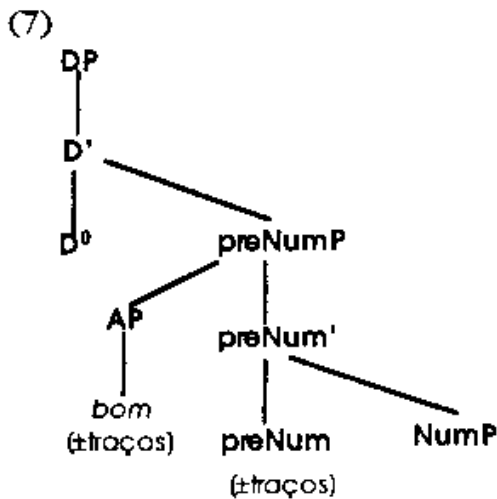
A questão da sintaxe do adjectivo é também analisada por Crisma em DPs formados por nomes eventivos. Simplificando, Crisma nota que a interpretação dos adjectivos pode ser atribuída à sua posição relativamente ao nome eventivo, do mesmo modo que a dos advérbios relativamente ao verbo. Em Italiano, por exemplo, os adjectivos pós-nominais recebem uma interpretação de maneira, enquanto os adjectivos pré-nominais alternam entre esta e uma interpretação *subject-oriented* (Cf Crisma (1995), Larson (1997)). Generalizando sobre a sintaxe dos adjectivos, Crisma adianta que os adjectivos *de maneira* são modificadores *baixos* a nível do SN —sendo por isso pós-nominais— e os adjectivos *subject-oriented* são modificadores *altos* a nível do sistema funcional. Alargando aos nomes não eventivos o mesmo tipo de mecanismo de interpretação, os adjectivos restritivos seriam modificadores pós-nominais a nível de SN, e os adjectivos apositivos seriam modificadores pré-nominais a nível de NumP. A flexão estaria pois na origem da divisão entre adjectivos pré-nominais e pós-nominais, divisão essa que corresponde *in fine* a um mecanismo de atribuição de significado

A linearidade dos constituintes no interior do DP, é ilustrada em (6)⁴:



Em síntese, os adjetivos românicos são basicamente pré-NumP ou pós-NumP, podendo essa divisão dever-se a factores de atribuição de significado, mas são superficialmente pré-nominais ou pós-nominais, sendo essa distinção engendrada pelo movimento do nome para Num°. Como vamos ver, a posição dos adjetivos relativamente ao nome não parece no entanto condicionar a sua capacidade em sobreviver em contextos elípticos.

A questão da natureza das projecções funcionais associadas ao adjetivo pode agora ser avaliada. Embora a identidade dessas projecções XP não seja clara, pode-se admitir —no espírito de Sleeman (1996)— que sejam designadas de acordo com o seu especificador. Podemos aqui sugerir uma configuração válida para alguns tipos de adjetivos. Para acolher os adjetivos 'altos' na estrutura, propõe-se uma projecção funcional genérica preNumP (admitindo que haverá provavelmente uma projecção funcional por tipo de adjetivo pré-nominal). De acordo com esta análise, em (7), um adjetivo como *bom* estaria em [Spec,preNumP]:



Relativamente aos adjetivos pós-nominais —engendrados abaixo de NumP— sugere-se, com base em Bosque & Picallo (1996), que são também especificadores de determinadas projecções funcionais. Estes autores analisam em Espanhol os adjetivos pós-nominais relacionais —que denotam entidades—, e os adjetivos de qualidade —que denotam propriedades ou *qualidades*. Esses dois tipos são ilustrados a seguir:

- (8) a. A pesca baleeira
 b. Um filme divertido

Bosque & Picallo —que rejeitam a tese segundo a qual os adjetivos pós-nominais seriam núcleos da sua própria projecção— fazem notar crucialmente

que os adjectivos relacionais —assim como os de qualidade— autorizam a elipse do nome:

(9) Las incursiones aéreas e [las [e] terrestres]

Esta análise contrasta com propostas anteriores (Sleeman 1996), que consideram os adjectivos relacionais como núcleos funcionais. O nome, neste último caso, na sua subida para NumP, incorporar-se-ia no adjectivo relacional, sendo a seguir o composto formado movido para Num^o. Por precisarem de incorporar com um nome lexicalmente realizado, os núcleos adjectivais relacionais não autorizariam a elipse do nome. No entanto, além de (9), esta análise contrasta também com o caso em (10), extraído de Grevisse, citado por Sleeman (1996:28). Embora este exemplo seja considerado *marginal* por Sleeman, o adjectivo *minéral*, incorporado em N^o, não teria quaisquer condições para legitimar a elipse de *règne*:

(10) Elle allait désertier le règne végétal et sauter par-dessus [le [e] minéral]

Este paralelo evidencia que os adjectivos relacionais têm provavelmente o mesmo estatuto sintáctico que os adjectivos em geral, isto é, que são na realidade especificadores de uma projecção funcional, que podemos referir provisoriamente por RelP, e que considero complemento de NumP.

Quanto aos *adjectivos de qualidade*, que denotam propriedades ou qualidades, e formam uma classe sintáctica distinta dos relacionais, podem também ser considerados modificadores restritivos de N. A sua posição é abaixo de NumP e RelP, sendo a projecção funcional que os abriga provavelmente adjacente a SN^s. Essa projecção funcional, possivelmente de tipo QualP, recebe no seu especificador os adjectivos de qualidade e no seu núcleo um traço semântico correspondente.

Uma observação crucial sobre os adjectivos de qualidade é que podem também estar associados à elipse do nome:

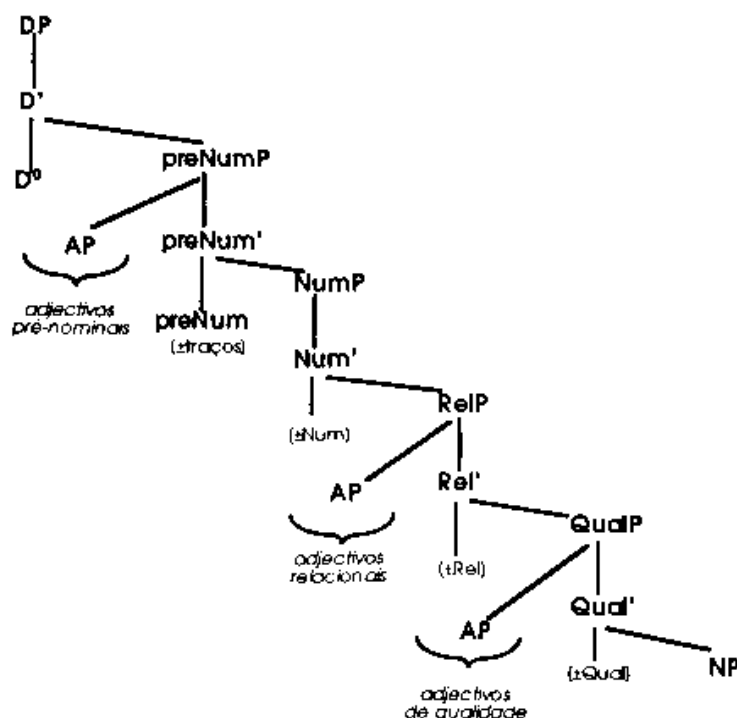
(11) a. As estrelas próximas e [as [e] longínquas]
 b. Les téléphones fixes et [les [e] portables]

Como foi inicialmente observado, a possibilidade de um nome ser suprimido deve ser compensada pela presença de um adjectivo. Os exemplos em (9), (10) e (11) convidam a concluir que este tipo de adjectivos pós-nominais estão incluídos no grupo dos legitimadores potenciais de nomes vazios.

Em síntese, os tipos de adjectivos pós-nominais aqui discutidos são os

relacionais, em [Spec,RelP], e os de qualidade, em [Spec,QualP]. Incluindo o sistema funcional pré-nominal, a sintaxe destes adjetivos seria pois a seguinte:

(12)



As considerações anteriores podem ser aplicadas ao Português e ao Francês. Em ambos os casos, os adjetivos são considerados especificadores funcionais. Além disso, os adjetivos revelam poder legitimar um nome elíptico, independentemente do lugar que ocupam relativamente ao nome⁶. A análise sintáctica da elipse do nome em Português e em Francês, apresentada a seguir, baseia-se pois no estatuto do adjetivo apresentado em (12), mas não distingue, para apurar os mecanismos subjacentes, entre adjetivos pré-nominais e pós-nominais.

3. A sintaxe da elipse do nome

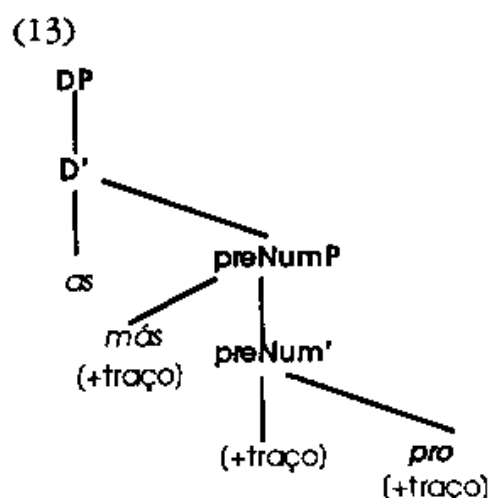
3. 1. A legitimação de *pro* elíptico

A ideia ilustrada nos parágrafos anteriores, segundo a qual, em certas elipses nominais, os nomes vazios estão dependentes da presença de adjetivos, pode ser formulada baseando-se na relação estrutural de *Concordância Especificador-Núcleo*. Este mecanismo, como se sabe, foi introduzido por Chomsky (1986b) para descrever o acordo entre o núcleo e o especificador de IP, mas, no Programa Minimalista, Chomsky generaliza esta noção e alarga o seu domínio a outras categorias funcionais. Essa generalização implica a existência de uma projecção funcional para cada um dos traços específicos que entram em

acordo com itens lexicais. A verificação de traços é efectuada em configurações de tipo *Núcleo-Núcleo* —movimento de núcleo lexical para núcleo funcional— ou de tipo *Especificador-Núcleo* —movimento para especificador funcional.

O modelo formal aqui delineado tenta adaptar e alargar a configuração *Especificador-Núcleo* às construções elípticas nominais. Penso que a legitimação da elipse em contextos adjectivais envolve uma forma de *Concordância Especificador-Núcleo* entre o adjectivo e o núcleo *pro*. Na sua aplicação à elipse do nome, esta relação deve ser entendida nos seguintes termos: deixa de ser estritamente local, já que é verificada entre um especificador funcional e um núcleo lexicalmente nulo em posição básica; além disso, as projecções funcionais em questão não estarão associadas à verificação de traços morfológicos, mas de traços semânticos adjectivais. A presença do adjectivo numa posição de especificador tem em todo o caso um papel central na distribuição e identificação dos nomes elípticos, papel provavelmente próximo da função de um operador numa configuração de tipo operador/variável. Associo a posição do adjectivo na hierarquia a uma operação de denotação do elemento nulo *pro* visto como uma variável sobre o conjunto denotado pelo antecedente contextual. Em todo o caso, a configuração *Especificador-Núcleo* garante que o adjectivo em questão, quer seja pré-nominal ou pós-nominal, tem escopo sobre o elemento nulo a reconstruir.

Vejamos, para exemplificar, o caso em (13). O indicador (13) apresenta parte da construção elíptica *as boas notícias e [as más [e]]*. O adjectivo *más*, neste caso engendrado em [Spec,preNumP], legitima por *Concordância Especificador-Núcleo* o seu complemento vazio *pro*: os traços do adjectivo devem pois ser verificados pelo núcleo nulo *pro*, de maneira a este ser formalmente legitimado e identificado.



3.2. Outros legitimadores do nome elíptico

Existem várias outras projecções funcionais com especificadores que permitem a elipse do nome, como as que envolvem quantificadores, demonstrativos e possessivos (Cf. Martinho 1998). A capacidade de estes elementos legitimarem a elipse do nome parece relacionada com a sua posição na estrutura, já que, como mostram os dados relativos ao Português e ao Francês, especificadores funcionais antecedem sistematicamente nomes nulos.

Em (14), aparece um DP elíptico quantificado. Assumindo que os quantificadores são especificadores, podemos admitir que legitimam formalmente o núcleo *pro*, e que um traço [\pm Quant] ou [\pm Partitivo], presente no núcleo funcional correspondente, identifica o nome nulo:

- (14) a. Os convidados estavam animados, mas
[alguns/vários/muitos/dois [e]] não tinham mesa.
b. Les invités étaient de bonne humeur, mais
[certains/plusieurs/beaucoup/deux [e]] n'avaient pas de table

No caso dos demonstrativos em (15), a elipse do nome é em Português sistemática, mas é em Francês quase inexistente.

- (15) a. Embora tenha comprado [estes [e]], a Maria preferia aqueles livros
b. * Bien qu'elle ait acheté [ces [e]], Marie n'a pas aimé les livres en
solde
c. J'aime ces livres-là, mais pas [ceux-ci [e]]

Em Português, o facto de não haver distinção morfológica entre demonstrativos seguidos ou não de nomes lexicais, sugere que formam uma classe única. Admitindo que são especificadores, podem legitimar sistematicamente a elipse do nome numa configuração *Especificador-Núcleo*. Existindo em Francês distinção morfológica entre adjectivo e pronome, admitimos que o adjectivo estará em Francês em D⁰, o que explica a oposição (15.a) - (15.b). Em Francês, só os *pronomes* são especificadores e podem por isso legitimar nomes vazios (15.c).

No caso das construções com possessivo em (16), aparece o mesmo tipo de contraste entre o Português e o Francês:

- (16) a. Comprei livros muito caros ontem, mas [os teus/os vossos/[e]] são
mais caros
b. * J'ai acheté des livres chers hier, mais [tes/vos/leurs [e]] sont plus
chers
c. J'ai acheté des livres chers hier, mais [les tiens/les vôtres/les leurs
[e]] sont plus chers

Os possessivos em Português projectam presumivelmente uma estrutura funcional complementar, em que o elemento definido *o* é um núcleo, e a forma possessiva *meu* um especificador funcional. De novo, a existência de duas classes morfológicas em Francês sugere que alguns possessivos serão exclusivamente núcleos, e outros especificadores. Em Português, os possessivos são sempre especificadores, e a elipse sempre possível, mas em Francês a elipse não é possível com núcleos, como *mon*, mas só com especificadores, como *mien*.

Haverá ainda que referir outro tipo de elipse do nome, em (17):

- (17) a. Alguns estudantes de Inglês estavam presentes, mas [os [e] *(de Francês)] faltaram
 b. Embora a proposta da Maria fosse convincente, [a [e] *(do João)] foi finalmente escolhida
 c. * Bien que l'analyse de Jean ait été peu appréciée, [la [e] de Marie] a été bien reçue

Esta construção, frequente em Português, mostra que, contrariamente aos casos anteriores, o artigo não pode legitimar a elipse —presumivelmente por tratar-se de um núcleo—, a não ser, em Português, mas não em Francês, quando seguido de um complemento de tipo genitivo. Note-se que o Francês não admite a construção elíptica genitiva (18.a), mas admite o adjectivo temático correspondente (18.b):

- (18) a. * L'invasion allemande et [la [e] de l'Union Soviétique]
 b. L'invasion allemande et [la [e] soviétique]
 c. A invasão Alemã e [a [e] Soviética]/[a [e] da União Soviética]

Partindo do princípio que em Francês um nome vazio só pode ser legitimado por um especificador, a frase (18.a) é agramatical porque o legitimador de *pro* é um núcleo. A frase (18.b) é boa, porque *pro* é legitimado pelo especificador *soviétique*. Em Português, paralelamente à legitimação de *pro* pelo especificador *Soviética*, o núcleo D° aparenta legitimar também um nome vazio, quando associado a um genitivo (18.c). Podemos presumir que estes complementos subcategorizados desencadeiam uma leitura específica, e que o núcleo D° recebe em consequência um traço [+específico] que lhe permite legitimar e identificar o nome vazio. Obviamente, o núcleo D não pode identificar o nome nulo na ausência de genitivo.

Em síntese, em expressões nominais como *a [e] da Maria*, considera-se que o nome vazio é legitimado formalmente por D° e identificado pelo genitivo. Em casos como *este/o meu [e]*, contudo, deve considerar-se que se trata de um

caso de legitimação por *Concordância Especificador-Núcleo*, existindo provavelmente várias estratégias de identificação de *pro*, envolvendo traços morfológicos ou semânticos —Cf. discussão em Martinho (1998). Por fim, em casos como *o grande [e]*, o nome vazio é legitimado pelo adjetivo especificador. Resta no entanto referir como é identificado o nome vazio, em construções deste tipo.

4. Identificação do nome elíptico

4.1. Elipse e simetria

As frases com elipse do nome fornecidas anteriormente tendem a revelar sistematicamente uma estrutura coordenada, o que indicia que o adjetivo especificador pode provavelmente legitimar um nome vazio desde que o DP em que está inserido implique alguma forma de coordenação com outro DP. A elipse, neste tipo de caso, depende de uma coordenação de constituintes, que de alguma forma contribui para recuperar a informação ausente no segundo termo da construção. A identificação da elipse por um antecedente específico implica por isso geralmente simetria estrutural entre duas expressões nominais⁷.

Neste tipo de estrutura coordenada, não só o nível categorial da elipse e o do seu antecedente deverão coincidir, como também o legitimador local de *pro* deve ser sintacticamente equivalente a um adjetivo projectado no DP antecedente. Haverá elipse do nome se, ao constituinte legitimador da elipse —neste caso um adjetivo em [Spec,XP]—, corresponder outro adjetivo em [Spec,XP] no DP antecedente. Os dois adjetivos em questão devem ainda evidenciar entre si uma relação de natureza semântica —a avaliar *infra*. Em suma, deve haver uma forma de paralelismo entre o especificador que autoriza a elipse do nome e o especificador que acompanha o antecedente contextual⁸.

Os exemplos em (19) ilustram mais precisamente estas observações: o legitimador de *pro* deve corresponder a um adjetivo de mesmo nível no DP antecedente. Caso contrário, o nome vazio não é identificado —embora *pro* seja formalmente legitimado (19.b.d). Em casos de assimetria estrutural (por exemplo, deslocação à esquerda em (19.e)), o nome nulo também não é identificado⁹:

- (19) a. O concorrente vencedor e [o derrotado [e]] cumprimentaram-se
 b. * O concorrente vencedor e [o bonito [e]] cumprimentaram-se
 c. A posição Americana e [a [e] Japonesa] apanharam a Europa de surpresa
 d. * A posição Americana e [a [e] presidencial] apanharam a Europa de surpresa
 e. * Livros escritos pelo Saramago, já li os [e] interessantes/bonitos

Como considerar os adjetivos presentes em (19.a) e (19.c)? Nos vários exemplos citados em (19), os adjetivos são todos atribuidores de propriedades

—no caso dos qualificativos em geral— ou denotadores de entidades —no caso de relacionais, como *presidencial*. Essas entidades ou propriedades devem no entanto ser contextualmente discretas e discriminativas, o que se verifica exclusivamente em (19.a) e (19.c). Os adjectivos que sobrevivem sem nome lexical devem presumivelmente ser ordenados segundo critérios epistemológicos a nível cognitivo: a propriedade ou entidade que denotam corresponde a determinadas características do nosso conhecimento do mundo. Em termos culturais e cognitivos, as propriedades mais relevantes nas línguas naturais incluem conceitos como a cor, o tamanho, a idade, o valor, etc. (Cf. Sleeman 1996). Os adjectivos que referem esses conceitos são por isso geralmente logicamente e simetricamente ordenados. Podemos designar contextualmente *adjectivos discretos* esses elementos quando se combinam com a elipse do nome, como em (19.a) e (19.c).

As qualidades contrastivas destes *adjectivos discretos* são determinantes para o efeito detectado, e equivalem a um princípio de ordenação lógica. Vejam-se os casos em (20):

- (20) a. A actividade profissional da mulher é muitas vezes incompatível com [a [e] doméstica]
 b. * A actividade profissional da mulher é muitas vezes incompatível com [a [e] estimulante]

Em (20.a), atribuem-se propriedades simétricas ao nome *actividade*, pelo que o nome vazio coordenado é facilmente reconstruído.

Nestas condições, não só os elementos denotando propriedades estritamente discretas ou ordenadas, como quantificadores ou ordinais —que dispensam por isso simetria estrutural— (*mator, último, anterior* ou *primeiro, etc.*) mas também adjectivos relacionados em geral com um efeito de catalogação do conhecimento, como *inteligente, interessante, vegetal, Americano, etc.*, podem ser considerados identificadores de nomes vazios, o que acontece particularmente em frases simétricas —ver exemplos (21) e (22)

- (21) a. As eleições legislativas e [as [e] autárquicas] este ano coincidem
 b. Os carros solares e [os [e] eléctricos] anunciam os veículos de amanhã
 c. Les maladies congénitales et [les [e] virales] sont en augmentation constante
 d. La religion chrétienne n'a jamais fait bon ménage avec [la [e] musulmane]
- (22) a. Ces bactéries qui vivent à 95°, ce sont [les [e] thermophiles]
 b. Le secteur d'activité le plus dynamique est [le [e] tertiaire]

- c. As teses em conflito na sociedade norte-americana são [a [e] criacionista] e [a [e] evolucionista]
- d. A história da filosofia mostra que as ideias platónicas estão em contradição com [as [e] aristotélicas]

Como os exemplos sugerem, estes adjectivos especializados, relativos a termos técnicos, históricos, metodológicos, etc., adquirem a capacidade de referir directamente, talvez por estarem associados a conteúdos relacionados com o nosso conhecimento do mundo, e poderem por isso logicamente identificar determinado grupo, tipo, saber, corrente, autor. A taxionomia técnico-científica é bastante propícia a este tipo de construção.

Estes exemplos também sugerem que determinadas relações de natureza lexical podem recuperar um nome elíptico.

4.2. Elipse e léxico

Que tipo de relações? Como os exemplos anteriores sugerem, os efeitos de contraste desencadeados por esses adjectivos discretos assentam no fundo em casos de hiponímia ou antonímia. Como vimos, o pronome elíptico *pro* é um constituinte de natureza incompleta, que, ao contrário dos pronomes referenciais, exige uma informação complementar, que está geralmente situada num antecedente contextual. A elipse é referencialmente incompleta —nisto distingue-se da anáfora, referencialmente completa— mas é lexicalmente exclusiva, isto é, as condições de identificação do conteúdo da elipse devem implicar, além da presença de um antecedente, relações lexicalmente relevantes entre o legitimador local e o especificador do antecedente.

É possível tomar adjectivos denotadores de entidades como termos hipónimos. Uma expressão nominal como *atmosfera joviana* —(ver 23)— implica estritamente *atmosfera planetária*, isto é, existe uma relação de inclusão entre a entidade *Júpiter* e o conjunto de 'planetas com atmosfera'. Como um hipónimo tem uma extensão mais reduzida que o seu hiperónimo, o adjectivo *joviana* estará em concorrência com outros membros do conjunto, como *terrestre* ou *marciana*, estando todos abrangidos por *planetária*. Neste caso, *joviana* e *terrestre* são considerados co-hipónimos, pelo que a sua utilização numa construção elíptica pode ser prevista:

(23) A atmosfera joviana é totalmente diferente d[a [e] terrestre]

O processo de reconstrução lógica do nome elíptico passa pois por uma fase de associação do legitimador com um adjectivo lexicalmente relacionado, neste caso reunido por relações de co-hiponímia.

Embora alguma ambiguidade referencial caracterize os adjectivos

atribuidores de propriedades —ser *magro* é relativo— esses adjectivos por seu lado pressupõem, nestas construções elípticas, a existência de uma propriedade inversamente simétrica —(ver 24). Estas propriedades contextualmente discriminativas assentam provavelmente no facto de os adjectivos serem usados como antónimos. Note-se que o valor cognitivo destes adjectivos constitui um *complexo lexical binário* (Cf. Lyons 1977), no qual um dos elementos implica habitualmente (a negação d) o outro. Esse complexo parece operar nas estruturas simétricas destas construções elípticas, compensando a vaguidade das propriedades atribuídas. A presença de um dos membros possibilita a coordenação lógica com o outro:

- (24) As mães solteiras têm em média mais bebés prematuros que [as [e] casadas]

Se essa relação não existir, não é possível identificar o nome contextualmente. É o caso em (25.b), em que *ligeiro* e *eléctrico* não são antónimos —a não ser no pressuposto que os carros eléctricos não são ligeiros, o que é contrário à verdade:

- (25) a. Os veículos ligeiros consomem menos que [os [e] pesados]
 b. * Os veículos ligeiros consomem menos que [os [e] eléctricos]

Penso pois que a identificação do nome vazio é uma operação lexical: os dois adjectivos legitimadores coordenados devem ser semanticamente próximos, evidenciando relações de hiponímia ou antonímia. Note-se que a construção elíptica adjectival fica comprometida com adjectivos desprovidos de hipónimo ou antónimo: é o caso de adjectivos como *diferente*, *único*, *diversos*, *mesmo*, etc. — e os seus equivalentes em Francês:

- (26) a. * Acabei por comprar os mesmos livros mas não [os... [e]]
 b. * Jean connaît les divers invités, mais ne connaît pas [les ... [e]]

Por fim, algumas das construções elípticas estudadas podem ser consideradas casos de nominalização. De facto, exemplos como (27) parecem ser expressões referenciais completas, e denotam indivíduos —ou conjuntos de indivíduos— do mesmo modo que um nome pleno:

- (27) Os casados, os primeiros, um profissional, os criacionistas, os mediócras, os velhos, os verdes, o pequeno

Serão DPs elípticos que adquiriram independência lexical, e correspondem a termos plenamente referenciais, particularmente relevantes a nível cognitivo para referir grupos ou tipos humanos, classes ou conjuntos de entidades

animadas, que correspondem a um esforço de classificação normativa. Este processo de lexicalização é bastante produtivo, tanto em Português como em Francês —ver também (28):

- (28) a. As [eleições] autárquicas, a [universidade] privada, os [jogadores] portistas,
 b. La [élection] présidentielle, le [enseignement] privé, les [auteurs] classiques

Em síntese, a simetria semântica / lexical que se estabelece entre o legitimador local e o antecedente no contexto linguístico, assim como a simetria sintáctica da estrutura, criam condições para a recuperação da identidade categorial e lexical do nome suprimido.

5. Conclusão

Considera-se, neste trabalho, que a elipse deve ser encarada como um pronome nulo basicamente engendrado, sujeito a condições de legitimação e identificação. Nas construções aqui analisadas, os adjetivos são especificadores funcionais e dispõem, em consequência, de condições estruturais para legitimarem o nome elíptico numa configuração *Especificador-Núcleo*. Para a identificação dos nomes nulos, os adjetivos envolvidos devem expressar uma propriedade discreta, que, em orações marcadamente simétricas, os torne suficientemente específicos para reconstruir a elipse. Estas propostas são resumidas no princípio (29):

(29) Legitimação e identificação de nomes elípticos

pro elíptico é formalmente legitimado por um adjetivo atributivo numa configuração *Especificador-Núcleo* e semanticamente identificado por meio de hiponímia ou antonímia por um antecedente contextual.

Alargando a reflexão às duas línguas em análise, o conjunto de legitimadores de nomes nulos apresentado sugere que o Português aparece como uma língua em que o nome pode ser facilmente 'deixado de fora', em contraste com o Francês, que só autoriza os nomes elípticos em contextos muito restritos envolvendo rigorosa simetria estrutural e lexical.

Notas

1 O presente artigo retoma e prolonga algumas das conclusões de uma dissertação de Mestrado intitulada "A elipse nominal em Português e em Francês", apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Julho de 1998.

2 Observe-se no entanto que a falta do nome não se pode confundir com a ocorrência

de um sujeito nulo. Se, em Português, língua de sujeito nulo, as duas construções poderiam ser numa primeira análise confundidas —ambas implicam categorias não-fonéticas—, em Francês, no entanto, língua conhecida por não autorizar sujeitos nulos, a elipse do nome é perfeitamente possível, se obedecer a determinadas condições. Compare-se as frases seguintes, nas duas línguas referidas, em que o exemplo (a) ilustra *pro* sujeito nulo e (b) a elipse do nome:

(i.a) Os estudantes vieram ver a peça. No entanto, [e] saíram desiludidos

(i.b) Os estudantes vieram ver a peça. No entanto, [alguns [e] saíram desiludidos

(ii.a) * Les étudiants sont venus voir la pièce. Très vite, [e] sont partis déçus

(ii.b) Les étudiants sont venus voir la pièce. Très vite, [certains [e]] sont partis déçus

Estes exemplos sugerem que a possibilidade de ocorrência da elipse do nome deve ser distinguida das condições formuladas para o parâmetro do sujeito nulo. Neste caso, o Francês distingue estas duas categorias vazias, já que autoriza a categoria elíptica, aparentemente com base na presença do quantificador *certain*s. No caso do Português, o sujeito nulo é legitimado e identificado pela flexão, mas no caso da elipse, este papel caberá ao elemento quantificador *alguns*, que, de alguma forma, actua como legitimador do nome suprimido, num papel parecido com o da flexão para o sujeito nulo.

3 Não são pois aqui contemplados os adjectivos usados em construções predicativas.

4 Alguns autores levantam dificuldades ao anterior quadro teórico na sua aplicação ao Francês —por exemplo, Lamarche (1991). Os argumentos de Lamarche contra o movimento de N para Numⁿ baseiam-se na afirmação que certos adjectivos em Francês não são pós-nominais em consequência de movimento de N. Para Lamarche, esses adjectivos pós-nominais são basicamente engendrados à direita do nome, enquanto os pré-nominais são adjuntos do núcleo N.

5 Estes pressupostos são suportados por alguns dados do Português e do Francês, nomeadamente o facto de os adjectivos de qualidade aparecerem obrigatoriamente depois dos relacionais:

(a.) Um [romance histórico interessante]

(b.) * Um romance interessante histórico

(c.) Une [vache laitière magnifique]

(d.) * Une vache magnifique laitière

6 Esta proposta não parece captar a totalidade dos casos apurados. Alguns adjectivos pré-nominais (*puro*, *mero*, etc) relevam de facto incapacidade em sobreviver com um nome nulo (comunicação pessoal da Prof. Violeta Demonte). Veremos adiante contudo que essa incapacidade pode ser compensada em termos de simetria estrutural.

7 Note-se que a noção de coordenação aplicada à teoria da elipse é desenvolvida no âmbito do *Blocking Principle* de Williams (1997).

8 Esta simetria não deve contudo ser vista como rigorosa nem sistemática, mas como uma tendência da organização da informação nestas construções. No exemplo seguinte, não existe paralelismo rigoroso, mas a elipse é viável:

(i) O colega francês e o de Itália

9 Note-se também que estes exemplos permitem justificar a distinção sintáctica entre adjectivos como, por exemplo, 'vencedor' e 'bonito'. A elipse parece exigir uma equivalência sintáctica que estes elementos não revelam possuir. (mas ver nota anterior)

Bibliografia

- ABNEY, S. (1987). *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, PhD Dissertation, MIT.
- BERNSTEIN, J. (1993). *Topics in the Syntax of Nominal Structure Across Romance*, PhD Dissertation, CUNY.
- BOSQUE I., PICALLO C. (1996). Postnominal adjectives in Spanish DPs, *Journal of Linguistics*, 32, 349-385.
- BRITO, A.-M. (1993). Aspects de la syntaxe du SN en portugais et en français, in *Séries Linguística e Literatura*, II Série, vol. 10. Revista da Faculdade de Letras, Universidade do Porto, pp. 25-53
- CHOMSKY, N. (1986b). *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*, New York: Praeger. Trad. Port: série LINGUÍSTICA, Editora Caminho.
- CHOMSKY, N. (1993). A minimalist program for linguistic theory, in *The view from Building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, ed. K. Hale e S.J. Keyser, Cambridge, Mass: MIT Press.
- CINQUE, G. (1993). On the evidence for partial N-movement in the Romance DP, *University of Venice Working Papers in Linguistics*, 3.2, 21-40. Veneza: Centro Linguistico Interfaculta.
- CRISMA, P.(1995). On the configurational nature of adjectival modification, in *Grammatical Theory and Romance Languages*, 59-70, edited by K. Zagana, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- KESTER, E.-P. (1996). *The Nature of Adjectival Inflection*, PhD Dissertation, University of Utrecht.
- LAMARCHE, J. (1991). Problems for N^o-movement to NUM-P, *Probus*, vol. 3.2, 215-236.
- LARSON, R. (1997.). Special Topics in Linguistics: Adjectives, URL: <http://semlab2.sbs.sunysb.edu/Users/rlarson/Courses/LIN550.html>. Lecture notes LIN 550, SUNY Stony Brook.
- LOBECK, A. (1995). *Ellipsis. Functional Heads, Licensing and Identification*, Oxford, Oxford University Press
- LONGOBARDI, G. (1994). Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and Logical Form, *Linguistic Inquiry*, 25.4, 609-665
- LYONS, J. (1977). *Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MARTINHO, F. (1998). *A Elipse nominal em Português e em Francês*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- MATOS, G. A. (1992). *Construções de Elipse do Predicado em Português*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- RIZZI L. (1986). Null objects in Italian and the theory of *pro*, *Linguistic Inquiry*, Volume

17, Number, 3, 501-557.

SLEEMAN, P. (1996). *Licensing Empty Nouns in French*, PhD Dissertation, University of Amsterdam.

VALOIS, D. (1991). *The Internal Syntax of DP*, Doctoral Dissertation, University of California, Los Angeles.

WILLIAMS E. (1997). Blocking and anaphora, *Linguistic Inquiry*, 28.4, 577-628.